



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

HISTÓRIA DUM GRILO

Por **LAURA CHAVES**

Desenhos de A. CASTAÑÉ

AQUELE Dom Grilo era um gôsto ouvô-lo. Cantava, cantava, tão lindas cantigas, que as salamantigas, quando êle trinava, punham-se a dançar danças de endoidar.

Vivia feliz o grilo petiz. Porém, certo dia, o ralo, maldoso,

disse-lhe, invejoso, de tal cantoria: — Tu, aqui no prado, és mal empregado. —

Ao ouvir aquilo, pensou logo o grilo: «Ele tem razão! Não devo ficar. Deixo-me apanhar. Na cidade, então, vão-me dar o aprêço que tanto mereço.»

E, sem mais demora, saiu, para fóra, o grilo velhaco, cantando cri-cri, dizendo: Eis-me aqui! Deixei o buraco



que era feio e imundo. Quero ir correr mundo! —

Passou um garoto, a quem deu no goto tanta barulheira. Ficou encantado com tão belo achado; pô-lo na algibeira e, em passo apressado, foi para o mercado.

O pobre cantor, cheio de calor, nesse poço fundo, disse para si: — A' fé de Cri-cri, se isto é que é o mundo, mais valia estar no prado a cantar! —



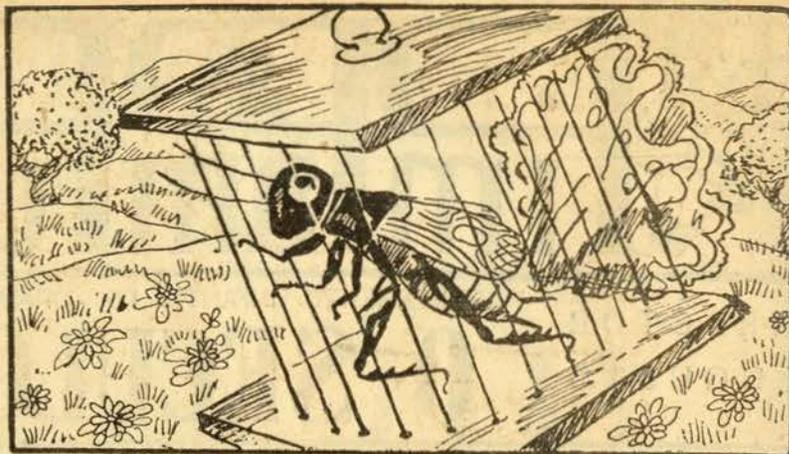
Nisto, de repente,
essa mão de gente,
que o tinha apanhado,
leve, o agarrou,
dali o tirou
e o grilo, vexado
com tantos boléus,
viu a luz dos céus.

Quando se ensaiava
e já preparava
as suas asitas
para um lindo trilo,
mostrar que era um grilo
de falas bonitas,
com um piparote
caiu num caixote.

Caiu, de cangalhas,
em cima das palhas,
berrando: — Que seca!
Mando o mundo ao diabo
se êle me deu cabo
da minha rebeca! —
Mas, lá fez um jeito,
e pôs-se a direito.

Que viu êle à roda?
A grilada tôda
de asinha no ar,
em alegre bando,
cantando, cantando,
sem nunca parar.
Já era quizília,
topara a família!

Lá estava a mamã,
o papá, a irmã,
a prima, o priminho,
a avó mais a tia,



tudo em cantoria!
Sòmente o padrinho,
de velho que estava,
apenas roncava.

Êle, enfurecido
com o acontecido,
gritou, desolado:
— Se o mundo é só isto,
então, pelo visto,
quero ir para o prado! —
e cantava tanto
que dava quebranto!

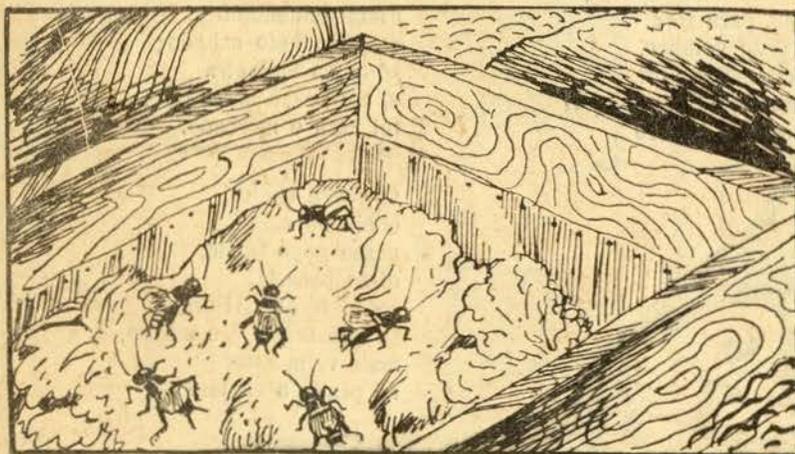
Por ser bom cantor
teve comprador.

Numa gaiolinha
de grade doirada,
de tinta encarnada
sarapintadinha,
ali foi metido
o grilo atrevido.

E o pobre, cantando,
chorava trinando:
— Ai o que há-de ser
do grilo indefeso!
Se o mundo é estar preso,
prefiro morrer!
Cri-cri-cri-cri-cri
Tirem-me daqui! —

Levo boa vida,
não falta a comida
que não é ruim.
Mas, — ai, que desgosto! —
tinha melhor gôsto
colhida por mim!
Quem me dera estar
no prado a cantar!

Porque é bem melhor
sofrer fome e dor
e ser livre, emfim,
que ser animado
mas engaiolado
como eu estou, assim!
O' grilos do prado
cuidado, cuidado! —



.....

Oiçamos o grilo,
que faz bem ouvi-lo
pois fala verdade.
É que o melhor bem
que a gente inda tem
é a liberdade.
Cautela, cuidado,
não fujam do prado!

■ ■ F I M ■ ■

O LINDO LIVRO
PRESENTE DE NATAL

que Editorial-Século acaba de pôr á venda e de que são autores **Graciette Branco e Augusto de Santa Rita**, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso.

SÃO 104 PAGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 escudos

DESTINOS

NOVELA INFANTIL

POR

GRACIETTE BRANCO

CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR

— «O mar é a minha ama...»

Daí a dois dias, Fernando partia para Lisboa, depois de ter deixado, na carteira de seu Pai, bastantes dólares, e, na sua frente, uma chuva de beijos.

E o nome de Fernando ficou em todos os corações, na pequenina vila de Buarcos, com um cantinho reservado, de ternura e respeito.

Em Lisboa, depois duma afectuosa visita aos primos Gonçalves, Fernando tratou dos preparativos da partida, e, numa linda manhã cheia de sol e gaiotas roçando a superfície límpida do Tejo, lá partiram os três, num belo transatlântico.

*
* * *

Durante a curta ausência de Fernando, quem o ficára substituindo, fôra Harry, o simpático inglês, que, desejando distinguir-se do grupo frívolo que o cercava, se entregára, afanosamente, á bela e salutar missão do trabalho.

Mister Grossmith sorria, quando o via curvado á secretária, trocando, gostosamente, a raquete pela caneta, e Helen começava a sentir pelo interessante e afectivo rapaz, um sentimento diferente daquêle que, até então, experimentara.

Harry, assim, curvado a trabalhar, com um pensamento sério a vincar-lhe a frente inteligente, era mil vezes mais interessante do que dizendo

frivolidades no canto duma sala ou num campo de jogos.

E... o que era inevitável... deu-se.

Os dois casamentos fixaram data para o mesmo dia, na mesma linda e elegante capela. Dêsde a sua chegada a Londres, até á data marcada para o casamento, alugou Fernando um elegante palacete, não muito distante do de mister Grossmith.

Fernando pediu aos seus amigos, que não estranhassem o facto de lhes não apresentar imediatamente, como era devido, a sua noiva. Mas pelo seu nascimento e vida modestissima, Rosinha carecia de lições de sociedade e de alguma cultura espiritual e mental. Para êsse fim uma esplêndida professora entrou para o elegante palacete de Fernando.

Rosinha e a Avó, deslumbradas pela elegancia e beleza do ambiente que as cercava, sentiam-se felicissimas, como vivendo um conto das mil e uma noites!

Dentro em pouco Rosinha, intelligência vivissima, e fácilmente manejável, entrava, abertamente nos segrêdos da língua inglesa. Dotada duma grande agudeza de espirito e bela sensibilidade a sua maneira de ser, por uma intuição natural, rápidamente se harmonizou com a bela moldura da sua vida actual. E até a simpática vélhinha, embora de attitude modesta e recolhida, adquirira uma tal simplicidade delicada nos gestos e attitudes, que a sua presença, numa sala, em nada poderia humilhar Fernando.

Uma tarde, Helen, sentiu um vivo desejo de conhecer Rosinha, de ir surpreendê-la em casa...

Helen, já curada da súbita paixão que sentira por Fernando, desejava agora partilhar das simpatias da rapariguinha portuguesa e chegar até a ser muito sua amiga.

Atravessando o jardim que contornava o palacete, Helen avistou, logo, no cimo da escadaria que conduzia ao vestibulo, num terraço, á esquerda, uma linda rapariga de belos cabelos pretos, servindo chá, delicada e carinhosamente, a uma

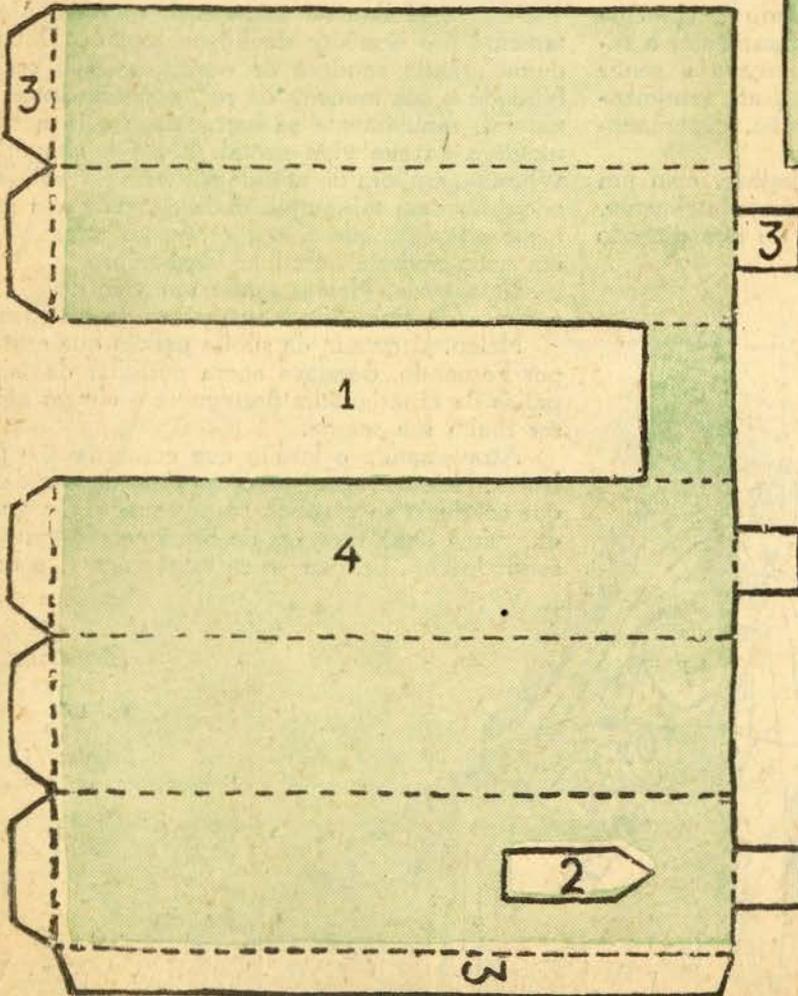
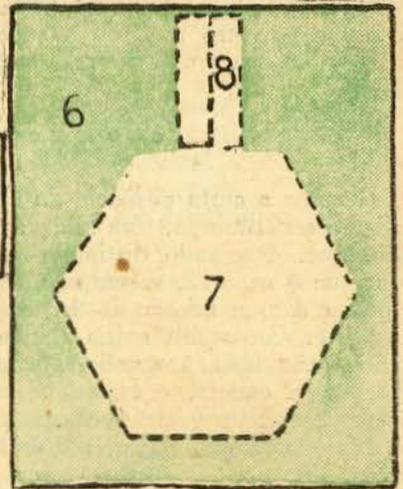
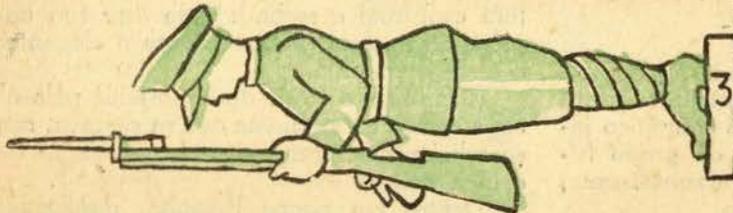
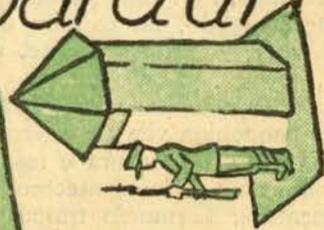
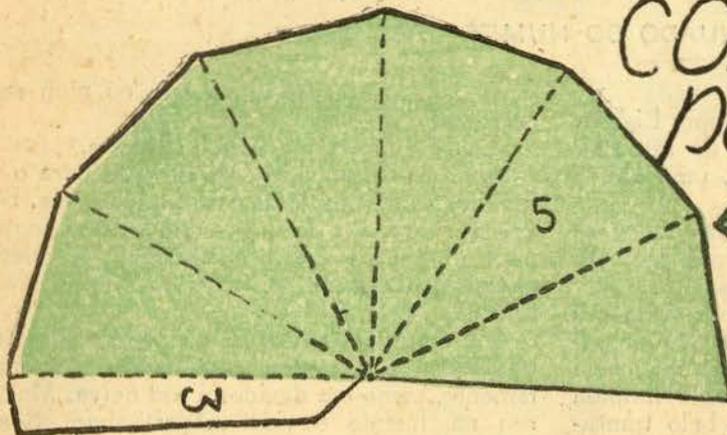


(Continúa

na

Página 7)

UMA GUARITA E UM SOLDADO construção para armar



A VISITA DO CASEIRO

ANO
POR SABICHAO



OM o calor, apetece-me voar; é por isso que, em certos dias mais quentes, me transformo em mosquinha.

É os meus meninos não calculam o que uma mosquinha pode ver e ouvir!...

Tem entrada em toda a parte onde lhe apetece e para bisbi-

lhotar não há ainda meio melhor!

Foi o que me sucedeu, certo dia, ao ouvir dentro duma casa, vozes a falar, um tanto excitadas.

Curioso, como um Anão feito em môsca, pousei no parapeito da janela que estava aberta e assisti ao que passo a contar.

A discussão era entre três irmãos, a Clarinha, o António e o Chico.

Vermelho, de indignação, este exclamava:

— O tal Vicente caseiro é um saloio selvágem!

Cheira ao esterco da terra! Trás as

mãos pretas de porcaria e as sapatolas em porcalharam a passadeira toda do corredor... E dirigindo-se à irmã:

— Para que mandaste tu dar, a esse bruto, comida e vinho!?

Muito calma, a Clarinha respondeu:

— Porque acho que devemos tratar bem o Vicente que trabalha para nós, e vem aqui por ordem do paizinho. Depois, é tão bom homem, tão bom caseiro...

— Um ignorante, que não tem educação nenhuma! — respondeu o António.

Por sua vez, a pequena Clara exaltou-se:

— Não posso ouvir os manos! Chamam ignorante ao Vicente que, afinal, sabe tanta coisa!

— Naturalmente sabe latim! — chasqueou o Chico.

— Mas sabe cultivar a terra. Semear o trigo, a cevada, a aveia... Tratar da vinha, da horta e do pomar... Trouxe-nos hoje tão boas cousas!... É, quando estou na quinta, fico pasmada com a beleza e arranjo de tudo!

Ao ouvir as palavras ajuizadas e tão sensatas da boa Clarinha, as minhas asifas de môsca tremeram de comoção.

E vai, meteu-se-me na cabeça ajudá-la naquela obra de justiça, a favor do Vicente caseiro, e de ensinamento ao Chico e ao António que, pela sua leviandade e pouco pensar, até aborreciam o vosso amigo Anão.

Como eram horas do almoço, eu segui-os, voando, até à casa de jantar. Os pequenos sentaram-se à mesa e logo abriram a bôca extasiados, ante a beleza das batatas que vinham na travessa, juntamente com os bifés.

Ao ouvido do Chico, que se preparava para abocanhar uma delas, eu zumbi:

— Se não fôra o bom Vicente não lhe metias o dente!

Muito enfiado, o rapaz olhou em volta, à procura da vizinha estranha que lhe falara.



Já eu me fôra dali e segredava ao António, enquanto ele espetava no garfo uma das belas batatas:

— Essa batata excelente, criou-a o tio Vicente!

Também este, desconfiadíssimo, ficou de garfo no ar, sem saber donde surgia aquela voz misteriosa.

Só a Clarinha comia, muito serena e deliciada, dizendo:

— Vejam lá os manos se eu não tenho razão! Bem diz o pai que, sem um caseiro, assim, cuidadoso e sabedor, não comeríamos cousas tão boas!

Servia-se, depois, feijão e todos exclamaram:

— Que bom! Que tenro! Que saboroso!

Não perdi a ocasião e vim zumbir ao Chico, mais ao António:

— Foi o Vicente hortelão, que arranjou tão bom feijão! —

Dum lado para o outro, todo o almoço, dando às asitas, fui zumbindo, aos dois figurões:

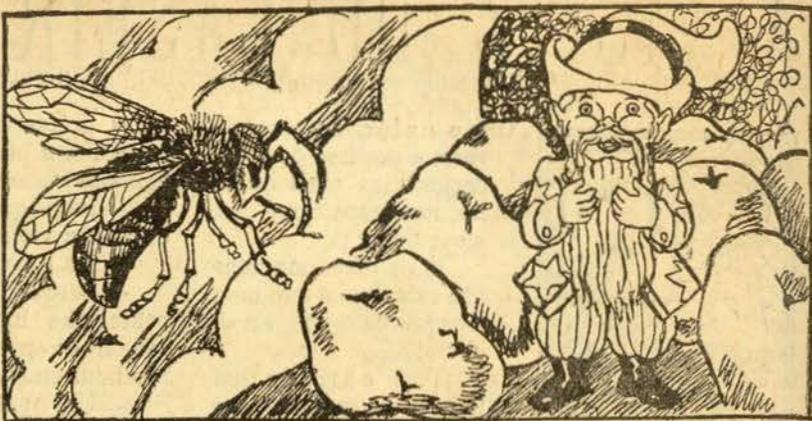
— E' o caseiro Vicente, homem muito diligente, que lhes cria essas nabijas, essas várias hortaliças!...

Os rapazes, cada vez esboghavam mais os olhos, atemorizados e a Clarinha perguntava-lhes, surpreendida:

— Mas que têm vocês? Mostravam tanta vontade para o almoço e agora estão embuchados como se tivessem engolido um pão de kilo!

Envergonhados, eles não se atreviam a confessar que ouviam constantemente aquela voz que lhes soava aos ouvidos, como um remorso ao seu procedimento.

Quando veiu a fruta, esplêndida, continuei no meu fadário, zumbindo esta cantilena:



— Essas maçãs suculentas, as laranjas sumarentas, as belas peras famosas, foram suas mãos calosas, que as amanharam, com jeito, tratando-as, com tal preceito, que não há fruta, em redor, nem mais linda, nem melhor! Pois tudo onde o Vicente, põe seu cuidado experiente, medra tanto, tanto, tanto, que nada lhe dá quebranto! Que vocês, quando crescidos, sejam assim entendidos, dentro das vidas que tomem, como afinal é esse homem, que na sua profissão, é um az como hortelão!

Ao acabar o almoço, entrou o caseiro que se vinha despedir e com grande espanto da Clarinha, os dois rapazes levantaram-se e foram apertar-lhe a mão, sem reparar se ele a trazia suja ou limpa.

Com isto que sucedeu, creiam, não foi o Vicente, o que ficou mais contente, fui eu, pois bem serviu a lição que lhes deu o vosso

ANÃO

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um menino com seu arco.

DESTINOS - (Continuado da página 3)

simpática velhinha, sentada, comodamente, numa ampla cadeira de verga.

Helen disse consigo:

— «Elegante rapariga, afinal! Será esta a modestíssima noiva de que Fernando fala?»

Mas neste momento já Rosinha a havia avistado e descia, rapidamente, a escada.

Chegando junto de Helen perguntou-lhe, graciosamente, no mais puro inglês:

— «E' miss Helen que me honra com a sua presença? Diz-me o coração que sim. E' precisamente o belo original do retrato que Fernando, tanta vez, me tem feito!»

Helen, encantada com o belo acolhimento de Rosinha, respondeu, abraçando-a:

— «Perdõe-me não me ter feito anunciar. Foi uma grande maldade, mas não podia, por mais tempo, retardar o momento de a conhecer. Sou muito amiga de Fernando, casamo-nos no mesmo dia e temos, portanto, que selar um pacto de sincera amizade.»

Helen passou o resto da tarde entre Rosinha e sua Avó e foi assim que as duas interessantes raparigas se conheceram e se fizeram duas grandes amigas.

* * *

Na capela dos Grossmith, cheia de flores e com os sons dos órgãos enchendo o ambiente de espiritual encanto, joelharam os dois casais Rosinha e Fernando — Helen e Harry.

Havia lágrimas em seus olhos, mas lágrimas de Felicidade e comovente alegria.

Os corações dos quatro noivos, cheios de luz e de sol, pulsavam de Encantamento, plenos de Fé, de alegria, de Amor!

E quando, após a cerimónia religiosa, o novo secretário de Fernando, lhe veio trazer, respeitosamente, um lindo ramo de flores, êste apertou-o demoradamente, de encontro ao coração exclamando, em voz baixa:

— «Obrigado, Charuto! Para mim continuarás sendo sempre o amigo Charuto, tão dedicado, tão bom! Estou muito feliz, meu amigo! Eu não te dizia que, com Fé, perseverança e trabalho, se consegue sempre vencer na Vida? — »

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

CORRESPONDENCIA

Estevam Coelho. — Não podemos publicar os teus versinhos em virtude do tema não ser próprio dum jornal infantil, mas apreciamos, devidamente, a tua vocação poética, que, mais tarde, te fará sorrir, não do teu culto pelo idolo que cantas, mas da falta de métrica e da ingenuidade com que os escreveste. Continua, porém, sem desânimo. Verás, um dia, publicada, no teu querido Suplemento, uma nova composição de tua autoria, quando amadurecer o teu estro.

COLABORAÇÃO

IN
FAN
TIL



MA
NOE
LA
BOTI
CA
DA
GRA
CA
COS
TA
13
ANOS

Francisco Domingos Alves. — O que acima dizemos ao nosso leitorzinho Estevam Coelho te dizemos também. Atrás de tempo... Continua que vais por bom caminho, mas não corras que te cansas. Devagar que tenho pressa.

Sofia Oliveira Pascoal. — Terás o bilhete para a festa, em troca do cupão mas só na devida oportunidade. Anunciaremos o dia em que essa troca se fará.

CHARADAS EM FRASE

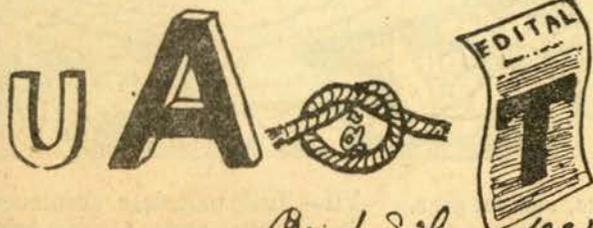
- 1.ª — Este fruto foi colhido, por aquele soldado, próximo duma povoação — 2-2.
- 2.ª — Aquela ruim pessoa atirou com um pedaço de loiça a este animal — 1-2.
- 3.ª — Será possível que aqui, este homem, sem auxilio de ninguém possa construir uma habitação — 1-1.
- 4.ª 4 — Naquela ilha inglesa, vi este animal a roer esta planta — 1-3.
- 5.ª — Antes de ser um antigo revolucionário, este homem, foi um filosofo grego — 2-2.
- 6.ª — Esta mulher estava a nadar num oceano aqui nesta nação — 2-1-1.
- 7.ª — O capelão do templo que existe neste baluarte é um bom homem — 1-3.
- 8.ª — Este ente pegou numa ferramenta para construir esta vila — 1-1.
- 9.ª — Aqui vi uma mulher a tomar, com muita devoção, esta bebida — 1-1.

FESTIVAL do «PIM-PAM-PUM»

Convite: — O Anão Sabichão tem o prazer de oferecer aos seus amiguinhos o terceiro cupão para a grande festa que, brevemente, promove.

Sensacionais surpresas!...

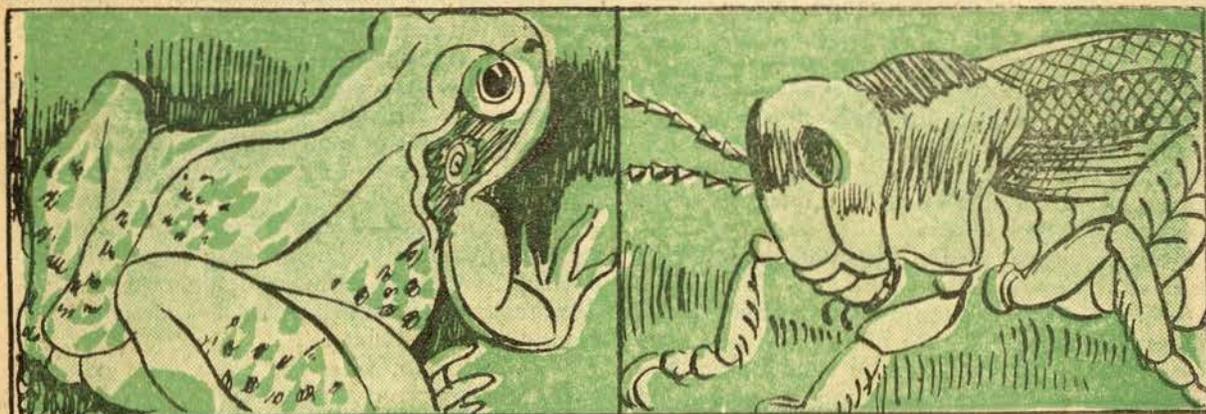
ENIGMA PITORESCO



Priz do Seibo — 1954



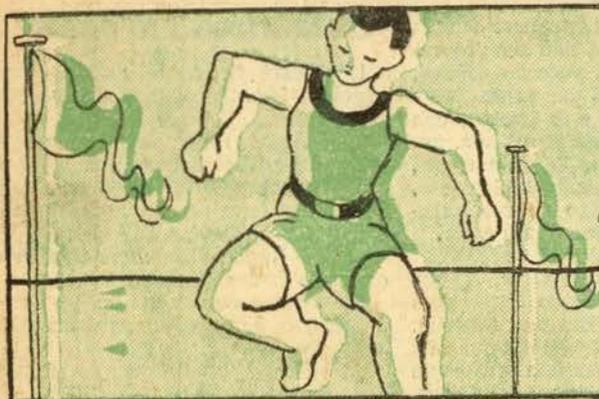
O GAFANHOTO E A RÃ



I — Certa rãzinha vivia em doce paz no seu charco, como um peixinho na ria, ou como, no mar, um barco.

II — Mas, uma certa manhã, um gafanhoto surgiu, que a pacatíssima rã propôs, logo, um desafio.

III — «Vamos a ver qual de nós dará um pulo mais alto!» Dizendo tal, logo, após, se preparou para o salto.



IV — Mas antes, teimando, jura que ninguém o vencerá; pois sempre boa figura em saltos fez e fará.



V — E com seus ares tão típicos, gafanhoto toleirão, como nos concursos hípicos, tal se fôra um campeão,

VI — deu um salto, com tal gana, pondo o corpo todo em arco, que, por fim, — ó sorte insana! — foi tombar mesmo no charco!...

VII — Tais percalços acontecem, muitas vezes, a quem teima ou àqueles que se esquecem que é um defeito a toleima!

